

# Avaliação na Educação Infantil: um encontro com a realidade

**Valuation of the Early Childhood Education:** meeting to the reality

GODOI, Elisandra Girardelli. Porto Alegre, RS: Mediação, 2004.

**Patrícia Dias Prado<sup>1</sup>**

Esta obra, já em sua segunda. edição (2006), está baseada na dissertação de Mestrado de Elisandra Girardelli Godoi<sup>2</sup>, intitulada “Educação infantil: avaliação escolar antecipada?”, realizada na Faculdade de Educação da Unicamp, em 2000, fruto de seu trânsito como pesquisadora de grupos de pesquisa distintos, articulando os estudos em avaliação escolar em um e da educação não-escolar das crianças pequenas em outro,<sup>3</sup> construindo com isso, conhecimentos inéditos no campo da Avaliação da Educação Infantil brasileira.

Nestes anos, poucas foram as pesquisas envolvidas com tal tema, o que reforça a delicada e ousada investida da autora, propondo um debate que ainda permanece inovador e avançado do ponto de vista, especialmente, da

<sup>1</sup> Mestre e doutora em Educação pela FE-Unicamp, professora da Faculdade de Educação da USP-SP. patypra@mpc.com.br

<sup>2</sup> Mestre e doutora em Educação pela FE-Unicamp, coordenadora e professora do curso de Pedagogia da Universidade de São Marcos, Paulínia/SP.

<sup>3</sup> No Loed (Laboratório de Observação e Estudos Descritivos), coordenado pelo professor Luiz Carlos de Freitas e no Grupo de Estudos em Educação Infantil (subgrupo do Gepedisc - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Diferenciação Sociocultural), coordenado pela professora Ana Lucia Goulart de Faria, ambos na FE-Unicamp.

problematização das práticas educativas com crianças de 4 a 6 anos em espaços coletivos e educativos na esfera pública,<sup>4</sup> no que se refere aos processos avaliativos.

Elisandra Godoi, assim como Hoffmann (1996)<sup>5</sup>, denuncia os mecanismos de seleção e de exclusão presentes na Educação Infantil, partindo da premissa de que a avaliação não deve ter como objetivo a promoção ou não das crianças para o Ensino Fundamental, mas a observação e o acompanhamento de seu crescimento e desenvolvimento. Como, no entanto, a avaliação está presente neste momento educativo? Qual sua natureza, seu caráter, seus propósitos? Os mecanismos da avaliação escolar usados na educação das crianças mais velhas na escola estão sendo reproduzidos no contexto da Educação Infantil? O que isso significa? Quais os procedimentos nos quais as professoras apóiam-se para avaliar as crianças? Como pensar nos processos avaliativos e em suas especificidades na educação das crianças pequenas?

Criticando as práticas avaliativas que julgam, comparam e classificam as crianças não somente na Educação Infantil como também no Ensino Fundamental, herança de uma educação compensatória, a autora articula os dados coletados<sup>6</sup> com os discursos oficiais, especialmente com o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI 1998) e aponta para a presença de um modelo de criança ideal que deve ser almejado no tempo e em ritmo determinados, objetivando suprir as falhas do Ensino Fundamental, propondo uma pré-escola antecipadora da escolarização das crianças, que devem virar alunas e assumirem responsabilidades que não são próprias para sua idade:

---

<sup>4</sup> Denominados creches e pré-escolas – espaços garantidos para crianças de 0 a 6 anos pela Constituição Brasileira de 1988, como dever do Estado (art. 208) e opção da família; definidos pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) como Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, também composta pelo Ensino Fundamental e Ensino Médio.

<sup>5</sup> Hoffmann, Jussara. *Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança*. Porto Alegre: Mediação, 1996.

<sup>6</sup> Pela observação do cotidiano educativo, do registro em caderno de campo, de entrevistas com profissionais docentes e não-docentes, de filmagens em vídeo e dos desenhos das crianças (como fonte complementar).

*Não somos contra a avaliação. Acreditamos que ela não precisa ser negativa e prejudicial, mas usada a favor da criança e do professor, como um instrumento auxiliar no seu trabalho. No momento em que este a usar como um meio para conhecer as crianças, não para julgá-las e classificá-las como boas, fracas, obedientes, desobedientes, etc., colocando rótulos e criando imagens a respeito das mesmas, mas para propor desafios, novas descobertas e experiências e orientar seu trabalho, a avaliação estará promovendo o desenvolvimento delas e não as cerceando e, nesse sentido, será positiva (p. 20).*

Observando a dicotomia entre jogo, brincadeira e trabalho, nas propostas educativas das professoras, o controle constante das atitudes e comportamentos das crianças durante as atividades propostas, sem brincar, sem sair do lugar e em silêncio, a pesquisadora também ressalta, brilhantemente, para o fato de que: “... a palavra não era permitida às crianças, mas, apesar disso, elas conversavam” (p. 53).

Isso significa que as práticas educativas e avaliativas assumem as concepções de educação, de infância e de criança pequena presentes nas professoras, mas que, apesar delas, as crianças são capazes de transgredir e de se expressar intensamente. Por isso, a avaliação define-se sim, como instrumento que deve proporcionar às professoras análise de seu próprio trabalho, acompanhando o que as crianças já sabem e o que elas passam a construir de NOVO – tendo como objetivo saber se está cumprindo e respeitando as especificidades e curiosidades das crianças, provocando situações educativas lúdicas (uma vez que a brincadeira deve ser o eixo do trabalho educativo), avaliando por meio do Registro, da Documentação e da análise das suas práticas, articuladamente.

Em entrevista exclusiva à Revista *Cirandar*,<sup>7</sup> Elisandra Godoi aponta para a importância fundamental do registro, seja ele escrito, em áudio, vídeo, fotografia, produções artísticas, etc., como uma das formas de avaliação e de

<sup>7</sup> Godoi, Elisandra G. Avaliação na educação infantil: a importância do registro como fonte de reflexão. *Revista Cirandar*, Hortolândia/SP, ano 1, n. 1, p. 4-5, jul. 2007.

construção da memória do espaço educativo. Como forma de documentação, a autora, a partir da bibliografia italiana traduzida,<sup>8</sup> sugere a construção de um diário sobre a trajetória das crianças na instituição, contemplando as produções das próprias crianças, registros dos momentos significativos, suas falas e outras formas de linguagens, suas conquistas, preferências, relações, brincadeiras, envolvendo as famílias nas vivências experienciadas pelas crianças.

O atento olhar investigativo da autora observou, entretanto, que, seguindo uma certa orientação para a realização do seu trabalho, as professoras pesquisadas não se mostravam confortáveis ou convencidas quanto à positividade de suas formas de avaliação e as questionavam, demonstrando sua preocupação com a educação das crianças, mas revelando sua fragilidade teórica e a necessidade de formação profissional contínua.

Claramente contrária ao trabalho educativo psicologizante e didatizado, antecipador da escolarização das crianças da Educação Infantil e comprometedor da vida das crianças pequenas enquanto são crianças, a autora também acredita que todos os seres humanos devam vivenciar cada etapa da vida em sua plenitude, aproveitando o que ela representa no presente:

*A avaliação requer um olhar e uma escuta em relação às crianças, mas não a partir de categorias predeterminadas que acabam definindo o que a criança deve fazer em cada etapa, ou melhor, em uma determinada idade. Essa perspectiva leva o professor a acompanhar o processo de aprendizagem, mas o faz classificar e categorizar a criança em relação a um esquema de estágios de desenvolvimento definido a priori (Godoi, 2007, p. 5).<sup>9</sup>*

---

<sup>8</sup> Como: Edwards, Carolyn; Gandini, Lella; Forman, George. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul, 1999. Também: Becchi, Egle; Bondioli, Anna (Orgs.). *Avaliando a pré-escola: uma trajetória de formação de professoras*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003; e Bondioli, Anna (Org.). *O projeto político pedagógico da creche e a sua avaliação: a qualidade negociada*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. Neste último, inclusive, Elisandra Godoi participou da revisão técnica.

<sup>9</sup> Idem nota 7.

Assim sendo, esta obra é uma referência para aquelas(es) que, de alguma forma, interessam-se pelas questões relativas à infância, à Educação Infantil e suas relações com o tema complexo da Avaliação, docentes, pesquisadoras(es), estudantes e demais profissionais da educação, especialmente da educação das crianças pequenas, pois vem apontar para um estudo atual que permite a análise de paradigmas teóricos, a ampliação do conceito e dos objetivos da avaliação neste momento educativo e a discussão de possibilidades metodológicas na pesquisa com crianças, valorizando-as como construtoras de conhecimento que são.

Como professoras, pesquisadoras e militantes na luta pelo direito das crianças à infância, compartilho com a autora a possibilidade sim, de se fazer o contrário, desta vez (e quantas forem possíveis), contaminar a educação das crianças mais velhas na escola com os conhecimentos construídos (e podemos dizer recém-construídos) no campo da Educação Infantil. No que tange à avaliação, esta obra torna-se também de indispensável leitura a todos(as) que estão envolvidos(as) com o questionamento do tipo de sociedade que desejamos, pois “a avaliação reflete diretamente os valores pregados pelo grupo social ao qual a educação serve. Se quisermos saber o que uma sociedade valoriza, basta observarmos a sistemática de avaliação escolar” (Lüdke, 1987, p. 44 apud Godoi, 2004, p. 21).<sup>10</sup>

Nestes anos, como iniciei essa resenha, o desafio da autora não se esgotou. Como seria analisar a avaliação na creche, ou seja, entre crianças pequeninhas de 0 a 3 anos? É o que já ousou investigar Elisandra Godoi em sua recente tese de Doutorado intitulada: “Avaliação na creche: o caso dos espaços não-escolares”, também na Faculdade de Educação da Unicamp, em 2006 – imperdível após a leitura desta obra que, além de denunciar práticas que impedem a vivência da infância em sua plenitude, propõe que:

---

<sup>10</sup> Lüdke, Menga. A caminho de uma sociologia da avaliação escolar. *Escola e Seleção*, São Paulo: FCC, n. 16, p. 43-49, 1987.

*No momento em que o professor pensa sobre as crianças e conhece suas características, não para compará-las, para julgá-las e classificá-las, mas para organizar o trabalho, para proporcionar um ambiente rico, prazeroso, com estímulos que vá ao encontro dos seus interesses, a avaliação pode ser positiva e favorecer o crescimento tanto da criança quanto do adulto (Godoi, 2004, p. 102).*

Recebido em: 29/5/07

Aceito em: 18/3/08

# **Critérios e Normas para Seleção e Publicação de Artigos**

## **1. Critérios:**

- 1.1. A Revista Contexto & Educação aceita para publicação artigos inéditos e resenhas de autores brasileiros e estrangeiros em português, espanhol e inglês.
- 1.2. A publicação de artigos está condicionada a pareceres de membros do Conselho Editorial ou de colaboradores ad hoc. A seleção de artigos para publicação toma como critérios básicos sua contribuição à educação e à linha editorial da Revista, a originalidade do tema ou do tratamento dado ao mesmo, assim como a consistência e o rigor da abordagem teórico-metodológica. Eventuais modificações de estrutura ou de conteúdo, sugeridas pelos pareceristas ou pela Comissão Editorial, só serão incorporadas mediante concordância dos autores.

## **2. Normas:**

- 2.1. Os artigos devem ser enviados em uma cópia impressa, juntamente com uma cópia eletrônica, por e-mail, contendo a identificação do(s) autor(es) e instituição de origem. Os originais não serão devolvidos, mesmo aqueles considerados inadequados para o escopo da revista.
- 2.2. O artigo submetido à avaliação deverá conter um minicurrículo dos(as) autores(as) com o nome completo, formação e titulação acadêmica, endereço para correspondência, número de telefone e fax e endereço eletrônico.
- 2.3. Os artigos deverão ser digitados em papel A4, com espaço 1,5 entre linhas e margem de 3 cm de cada um dos lados, contendo um mínimo de 10 e um máximo de 20 páginas, incluindo referência bibliográfica e anexos. Utilizar fonte Times New Roman, tamanho 12, exceto para notas de rodapé, que deverão apresentar corpo 9. Para o título, em português e inglês (obrigatório), utilizar fonte Times New Roman, tamanho 14, negrito, com parágrafo centralizado.

- 2.4. O artigo deve conter obrigatoriamente um resumo de no máximo 100 palavras, com três palavras-chave e um abstract com keywords.
- 2.5. As referências, de acordo com as normas da ABNT, devem conter somente as obras citadas no texto.
- 2.6. As resenhas devem conter até oito mil caracteres, incluindo espaços, referências bibliográficas da obra resenhada e minicurrículo do(a) resenhista.
- 2.7. Caberá, para cada artigo, três exemplares da revista como indenização por direitos autorais.
- 2.8. Os trabalhos devem ser enviados para:

Revista CONTEXTO & EDUCAÇÃO

Comissão Editorial

Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências

Rua do comércio, 3000 – Bairro Universitário

98700-000 – Ijuí – RS

E-mail: [contexto@unijui.edu.br](mailto:contexto@unijui.edu.br)



## Corpo de Pareceristas:

André Souza Lemos – Unijuí (aslemos@unijui.edu.br);  
Cátia Maria Nehring – Unijuí (catia@unijui.edu.br);  
Carmem Sanches – Unirio (carmensanchess@ig.com.br);  
Celso José Martinazzo – Unijuí (martinazzo@unijui.edu.br);  
Christiane Gioppo – UFPR (c.gioppo@ufpr.br);  
Décio Auler – UFSM (auler@smail.ufsm.br);  
Deise Miranda Vianna – UFRJ (deisemv@if.ufrj.br);  
Eloísa Candal Rocha – UFSC (eloisa@ced.ufsc.br);  
Elza Maria Fonseca Falkembach – Unijuí (elza@unijui.edu.br);  
Flávia Maria Teixeira dos Santos – UFRGS (00146769@ufrgs.br);  
Helena Copetti Callai – Unijuí (helenac@unijui.edu.br);  
Helenise Sangoi Antunes – UFSM (professora@helenise.com.br);  
Ione Inês Pinsson Slongo – Unochapecó (ioneips@gmail.com);  
Ivane Almeida Duvoisin – Furg (ivaneduvoisin@yahoo.com.br);  
Jader M. Lopes – UFF (jjaner@uol.com.br);  
José Pedro Boufleuer – Unijuí (jospebou@unijui.edu.br);  
Jucirema Quinteiro – UFSC (jquinteiro@ig.com.br);  
Leandro Belinaso Guimarães – UFSC (lebelinaso@uol.com.br);  
Lenir Basso Zanon – Unijuí (bzanon@unijui.edu.br);  
Mairce Araújo – UFF (mairce@hotmail.com);  
Maria Lúcia Wortmann - Ulbra (wortmann@terra.com.br);  
Maurício da Silva – Uminho (mauran@uol.com.br);  
Maurivan Gützel Ramos – PUC-RS (mgramos@pucrs.br);  
Milton Antônio Auth – Unijuí (auth@unijui.edu.br);  
Neiva Ignês Grando – UPF (neiva@upf.br);  
Neusa Maria John Scheid – URI (neusas@urisan.tche.br);

Noeli Valentina Weschenfelder – Unijuí (noeli@unijui.edu.br);  
Otávio Aloisio Maldaner – Unijuí(maldaner@unijui.edu.br);  
Paulo Evaldo Fensterseifer – Unijuí (fenster@unijui.edu.br);  
Paulo Afonso Zarth – Unijuí (dcszarth@unijui.edu.br);  
Rita de Cássia Pistóia Mariani – URI (rcpmariani@urisantiago.br);  
Roque Moraes – PUC-RS (searom@pucrs.br);  
Silvana Zasso – FURG (szasso@mikrus.com.br);  
Simone Pires de Assumpção – Unipampa (assumpcao@yahoo.com.br);  
Viviane Cancian – UFSM (vivi.ac@terra.com.br);  
Zélia Jofili – UFRPE (jofili@gmail.com)